

História

Tema da Aula:

Pré-História na América

OBJETIVOS

- Conhecer as teorias mais relevantes acerca do processo de ocupação do continente americano por hominídeos;
- Compreender como se desenvolveram as primeiras comunidades humanas neste território;
- Identificar a gênese das civilizações pré-colombianas.

O surgimento dos hominídeos na América

Nas aulas anteriores você aprendeu sobre como os hominídeos sobreviveram na Pré-História, os recursos que criaram para produzir alimentos, caçar e se proteger dos predadores. Leu sobre como os primeiros seres humanos surgiram nas regiões que hoje identificamos como África, Ásia e Oceania.

No entanto, você deve estar se perguntando o que acontecia no continente americano neste momento? Como os hominídeos chegaram até aqui? Em que momento o território que habitamos hoje começou a contar com a presença de seres humanos?

Historiadores e arqueólogos, depois de séculos de pesquisa, chegaram a algumas conclusões sobre esse trajeto percorrido pelos grupos humanos até a América do Sul, onde o Brasil está localizado. Como a ciência trabalha com evidências, objetos preservados em fósseis, esses pesquisadores foram “juntando pecinhas” encontradas em escavações arqueológicas, e reuniram pistas que levaram a duas grandes teorias: a **tese do autoctonismo** e a **tese migratória**, que vamos conhecer melhor agora.

Segundo a tese do autoctonismo, a América, assim como a África e a Ásia, tinha seus habitantes próprios, nativos desse território. A palavra autóctone significa “pessoa que nasceu no território em que foi encontrado, assim como seus ancestrais” (pais, avós, bisavós, tataravós). Ou seja, os cientistas que construíram esta teoria defendiam que, há mais ou menos 35 mil anos, hominídeos foram surgindo e evoluindo no continente americano do mesmo modo como aconteceu em outros continentes.

Porém, essa hipótese não tem comprovação material, pois os fósseis mais antigos encontrados na América são de *homo sapiens sapiens*, a espécie mais evoluída da família dos hominídeos, e não há vestígios de espécies mais primitivas, como eram os *australopitecos* ou os *homens de Neandertal*, por exemplo. Por isso, a hipótese migratória tem sido a mais defendida na comunidade científica.



Fonte: https://img.socioambiental.org/v/publico/pibmiri/m/antes-de-cabral/estreito_bering2peq.jpeg.html

A teoria da migração afirma que, há cerca de 12 mil anos, o Estreito de Bering, um canal marítimo curto que separa a Ásia da América no extremo Norte do planeta, passou por um período de congelamento. Como o nível do mar baixou e as águas se solidificaram, alguns grupos humanos de origem

asiática puderam cruzar o canal e passar para América do Norte, na região que hoje conhecemos como Alasca. Os arqueólogos chegaram a essa conclusão porque os fósseis mais antigos encontrados em nosso continente são de hominídeos com características físicas parecidas com as dos mongoloides, povo que habita o norte da Ásia. Os ossos foram encontrados no sítio arqueológico de Clovis, que fica nos Estados Unidos da América.

Observe com atenção o mapa abaixo. Nele você vai encontrar as possíveis rotas seguidas pelos humanos primitivos no povoamento do planeta.



Fonte: NAQUET-VIDAL, Pierre; BERTIN, Jacques. *Atlas histórico: da Pré-história aos nossos dias*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1987. p. 18; *Atlas histórico escolar*. Rio de Janeiro: FAE, 1991. p. 50.

Você deve ter reparado que as setas no mapa mostram dois fluxos de humanos em direção ao continente americano, um vindo pelo Estreito de Bering para América do Norte, e outro vindo da Oceania e da Polinésia para América do Sul. Isso porque,

em 1975, um grupo de pesquisadores encontrou o fóssil de uma mulher no sítio arqueológico de Lagoa Santa, no estado de Minas Gerais. Esse fóssil, que ganhou o nome de Luzia, em homenagem à famosa Lucy encontrada na África, tinha mais ou menos a mesma idade dos primeiros hominídeos a habitarem a América do Norte. No entanto, Luzia tinha traços negroides, o que levou os cientistas a concluírem que seu grupo teria vindo direto África ou da Oceania.



Fonte: <https://congressoemfoco.uol.com.br/educacao/museu-abrigava-fossil-humano-mais-antigo-das-americas-e-colecao-de-mumias/>

O crânio de Luzia permitiu a reconstrução de sua face e a identificação de seus traços. Este fóssil encontrava-se no Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista, que foi destruído por um incêndio em 2018. Com o auxílio dos bombeiros os pesquisadores encontraram o crânio nos escombros do incêndio e conseguiram preservá-lo.

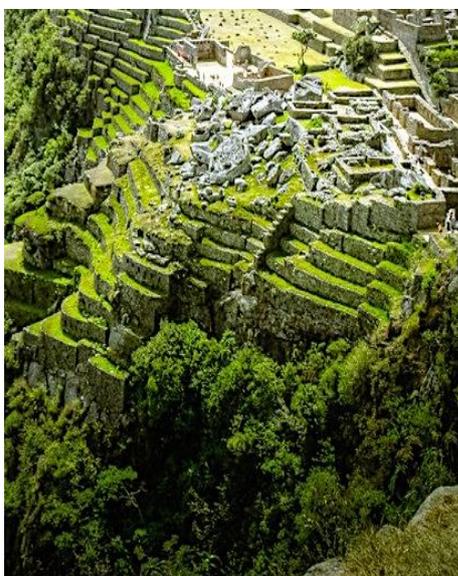
A descoberta do fóssil de Luzia gerou outra hipótese migratória: alguns grupos de hominídeos teriam saído da África para a Oceania, e de lá navegaram em pequenas embarcações pelo Oceano Pacífico até o litoral da América do Sul. Aos poucos esses humanos foram se espalhando pelo interior do continente.

Todas essas pesquisas ainda estão em andamento. Os investigadores estão longe de chegar a uma conclusão única e é possível que mais de uma hipótese seja verdadeira. Como a ciência está

sempre buscando explicações mais exatas, os arqueólogos e historiadores seguem estudando os fenômenos pré-históricos.

Características da Pré-história na América

Os pesquisadores utilizam a periodização (divisão por períodos) tradicional da Pré-História para estudar a ocupação do continente americano. Os fósseis mais antigos encontrados por aqui indicam que essa ocupação ocorreu no Paleolítico Inferior, há cerca de 17 mil anos atrás. São objetos feitos de pedra talhada, ossos de homínídeos e de animais extintos, como mastodontes, bisões e camelídeos. Foram encontradas também ferramentas e armas de variadas épocas: quanto mais recentes, mais aperfeiçoados e eficientes são esses objetos.



Fonte: <https://wsimag.com/pt/viagens/23322-machu-picchu-peru>

Terreno escalonado (escavado em degraus) para permitir a plantação nas colinas inclinadas de Machu Picho, cidade do Peru.

Aos poucos todo o continente americano foi sendo povoado pelos primeiros humanos, que procuraram se adaptar buscando modos de sobreviver, inicialmente através da caça e da coleta de frutos e raízes. Os vestígios de agricultura foram encontrados em regiões do México, dos Andes e da América Central, e são posteriores ao fim do Paleolítico, quando se encerrou a Era Glacial. Ou seja, quando as geleiras derreteram foi possível começar a plantar milho, abóbora, batata, cacau, mandioca, feijão e girassol, gêneros nativos das terras americanas.

Os habitantes da América criaram técnicas de plantio muito avançadas: desenvolveram a irrigação, a fertilização e a construção de terraços escalonados, que são plantações em degraus localizadas em terrenos muito inclinados. A domesticação de animais também se desenvolveu com a criação de alpacas e lhamas.

Assim como já tinha ocorrido na África e na Ásia, a agricultura permitiu aos humanos da América armazenar maior quantidade de alimentos, e, com isso, a expectativa de vida cresceu e houve um aumento da população. Isto é, ao produzir mais comida, os humanos passaram a levar uma vida mais confortável, viver mais e ter

muitos filhos. Ao mesmo tempo, tornaram-se sedentários, pois não necessitavam mais migrar em busca de alimentação.

A prática da agricultura foi tão importante que deu a esses povos o tempo livre para desenvolver outras atividades. Além da pecuária (criação de animais), inventaram a cerâmica, a tecelagem, a cestaria, e organizaram as primeiras formas de religiosidade. Com isso vemos surgir as civilizações americanas, que se desenvolveram em diferentes regiões do continente, como os anasazi, mongollon e hohokan na América do Norte, as culturas andinas e os povos caraíbas, guaranis e tupis na América do Sul.

Esses povos se organizavam em aldeias agrícolas, e várias aldeias mantinham juntas um centro comercial e religioso, chamado de centro cerimonial. Eram lugares onde a população dos povoados se reunia para vender o que produziam, tratar de assuntos comuns e cultuar seus deuses. A administração dos



centros estava nas mãos dos sacerdotes, que além de guias espirituais também

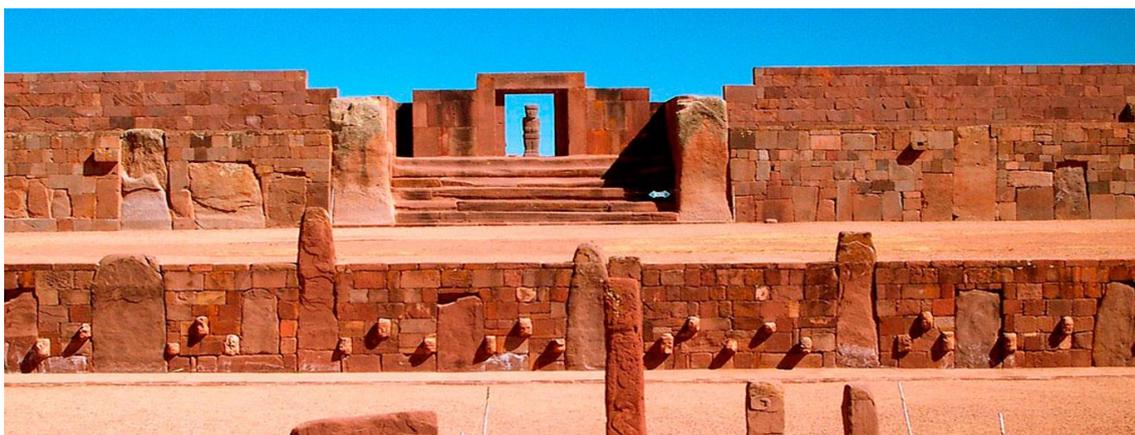
Fonte: <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2012/07/primeiros-habitantes-chegaram-america-em-tres-ondas-migratorias.html>

eram líderes políticos, dirigiam os trabalhadores e cuidavam da segurança do território. As civilizações da América foram se formando em torno desses centros e os sacerdotes formavam uma elite governante, pois a religiosidade, ligada às forças da natureza, tinha muita importância para a cultura e a vida social daqueles povos.

Alguns centros cerimoniais se tornaram cidades importantes das sociedades pré-colombianas (que se desenvolveram antes da chegada de Cristóvão Colombo à América), com destaque para as civilizações Maia, Asteca e Inca. A arquitetura e o planejamento urbano (organização das primeiras cidades) eram bastante avançados,

com construções extraordinárias, grandes avenidas, praças e pirâmides, principalmente nas regiões onde hoje estão o México e o Peru.

Tiwanaco (Bolívia)



Fonte: <https://intensebolivia.com/tiwanaku-tour-full-day/>

Teotihuacan (México)



Fonte: <https://www.civitatis.com/en/mexico-city/tour-pyramides-teotihuacan/>

Yucatán (México)



Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/10/internacional/1462838532_810585.html

Para saber mais...

Quer conhecer um pouco melhor a história da ocupação de nosso território por grupos de homínídeos? Leia esta matéria retirada da página Aventuras na História sobre os primeiros humanos a habitarem a região onde hoje se localiza o Brasil. (Fonte: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-brasil-ancestral-quem-foram-os-primeiros-brasileiros.phtml>)

UOL HOST PAGBANK PAGSEGURO CURSOS



Q BUSCA

AH AVENTURAS NA HISTÓRIA

AH

MATÉRIAS NOTÍCIAS WEBSTORIES CURIOSIDADES BIOGRAFIAS CORONAVÍRUS ASSINE ANUNCIE

Busca

MATÉRIAS » BRASIL

BRASIL ANCESTRAL: QUEM FORAM OS PRIMEIROS BRASILEIROS?

A primeira certidão de nascimento do país é um crânio de 11 mil anos encontrado em 1975. Mas há quem diga que estamos por aqui há mais tempo

RUI DANTAS PUBLICADO EM 23/07/2019, ÀS 14H30 - ATUALIZADO ÀS 15H00



Martha Werneck

Durante quase 500 anos o Brasil praticamente ignorou uma parte do seu passado. A maior delas. Na escola, a primeira aula de história começa com o descobrimento do Brasil como se nada tivesse acontecido antes. No entanto, quando os portugueses chegaram, em 1500, civilizações avançadas e poderosas estavam no auge, outras já haviam desaparecido, mas deixado vestígios de passagem e de **história** no Brasil.

O naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund, em 1836, foi o primeiro a se interessar pelo Brasil **pré-cabralino** e tornou-se uma espécie de patrono da arqueologia e da paleontologia no país. Sua descoberta mais importante aconteceu na Gruta do Sumidouro, perto de Lagoa Santa, MG. Em meio aos ossos de grandes mamíferos, ele achou os primeiros fósseis humanos no Brasil.

Em busca do primeiro brasileiro, Peter encontrou mais perguntas que respostas (algumas ainda sem solução). A primeira – e talvez a mais controversa de todas – é como e quando o homem passou a ocupar o território americano e, por extensão, o brasileiro?

A teoria mais aceita é que os primeiros grupos humanos a chegar por aqui atravessaram da Ásia para a América pela Beríngia (região no extremo norte do continente, que há 15 mil anos, durante o fim da era glacial, ligava os dois continentes). A pé, os novos habitantes começaram a migrar para o sul, em busca de regiões mais quentes. Até a Patagônia, no limite sul da América, eles teriam levado algo em torno de 2 mil anos.

Mas há quem discorde. A arqueóloga brasileira Niède Guidon, que há mais de 40 anos estuda os vestígios da presença humana na região da Serra da Capivara, no Piauí, acredita que o homem americano já ocupava o Brasil há mais de 60 mil anos. Sua pesquisa, que tem base em vestígios humanos cujas datações indicaram ter 48 mil anos de idade, é fruto do documentário Niède, de Tiago Tambelli, que acaba de ser lançado no país.

Segundo a arqueóloga, a ocupação das Américas começou entre 80 e 100 mil anos atrás e o primeiro americano teria vindo da região da Austrália em embarcações simples – uma tese questionada dentro e fora do Brasil. Para os críticos, esperar que um aborígine de mais de 50 mil anos atrás atravessasse o Pacífico seria como pedir a Cristóvão Colombo que, em vez de cruzar o Atlântico para vir ao Novo Mundo, fincasse a bandeira na Lua.

Mas Niède Guidon não está sozinha quando marca o início da presença humana no Brasil, além dos paradigmáticos 15 mil anos. O trabalho da arqueóloga Águeda Vilhena Vialou, entre o Museu de Arqueologia da USP e o Museu de História Natural de Paris, indicou a existência do homem no Mato Grosso, na Fazenda Santa Elina, há cerca de 23 mil anos. Lá, foram encontradas pinturas nas paredes e grande quantidade de pedras trabalhadas. “Fizemos três datações diferentes, em três materiais distintos: ossos, sedimentos e carvão. Todos à mesma data, entre 22 e 23 mil anos”, contou.

Homens da Lagoa Santa

A arqueóloga Adriana Schmidt Dias, da UFRGS, acredita que o primeiro brasileiro descende de uma das várias correntes migratórias vindas da Ásia, que ocorreram a partir de 15 mil anos atrás. A mais antiga dessas levas de humanos teria chegado ao Brasil há cerca de 12 mil anos e ficado conhecida como Os Homens da Lagoa Santa, nome dado em homenagem ao sítio arqueológico onde foram localizados – o mesmo pesquisado pelo dinamarquês Lund. Desse povo, faz parte o fóssil humano descoberto em 1975, que viveu por aqui há cerca de 11,5 mil anos e foi batizado pelos cientistas de Luzia, a mais antiga brasileira descoberta até hoje.

Luzia era uma caçadora e coletora de vegetais, com traços bem distintos dos índios que Pero Vaz de Caminha descreveu em sua carta, em 1500. Em 1999, a Universidade de Manchester, na Inglaterra, reconstituiu o rosto de Luzia: ficaram óbvios os traços negroides, típicos de populações africanas e da Oceania.

Luzia e seus amigos viviam em pequenos grupos e eram nômades, sempre procurando encontrar vegetais e animais de pequeno porte, como o porco-do-mato e a paca, que eles caçavam com a ajuda de lanças e de flechas com pontas feitas de pedras lascadas. Não ficavam mais que duas semanas no mesmo lugar. Por isso, não costumavam enterrar seus mortos. O corpo de Luzia foi encontrado jogado no fundo de uma caverna.

Por volta de 6 mil anos atrás esse povo desapareceu. A explicação para isso é o surgimento de outro grupo de humanos, dessa vez, parecidos com os índios atuais. Eles chegaram em muito maior número e passaram a ocupar a região. As populações se misturaram, segundo Adriana, mas com o tempo as características dos Homens da Lagoa Santa submergiram. Essa nova leva de viajantes chegou a ocupar toda a costa brasileira e o Planalto Central até 2 mil anos atrás.

“Esses bandos chegavam a uma região, montavam acampamento, geralmente em grupos de cinco a dez famílias em pequenas faixas de terra”, diz a pesquisadora. De acordo com ela, eles retiravam da região tudo o que podiam: vegetais, peixes e animais. Assim que esgotavam esses recursos e que os acampamentos apresentavam problemas sanitários, como o aparecimento de insetos em grandes quantidades, iam embora.

Civilização das Conchas

Alguns dos descendentes desses novos habitantes criaram, no litoral do Brasil, uma das civilizações mais características e inusuais do período pré-cabralino. Eles ocuparam do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul entre 6 mil e mil anos atrás, e ficaram conhecidos pelas edificações que erguiam para sepultar seus mortos: os sambaquis. São pilhas de sedimentos, principalmente conchas e ossos de animais, cuidadosamente empilhados e que chegavam a ter 40 metros de altura e mais de 500 metros de comprimento.

A princípio, os arqueólogos acreditavam tratar-se de grandes depósitos funerários, mas, com a descoberta sistemática de novos sítios, ficou provado que os sambaquis eram o centro da vida social desses povos, chamados sambaquieiros. Ali, eles sepultavam seus mortos, realizavam rituais e construíam suas casas.



Crédito: Martha Werneck

“Eles se alimentavam basicamente da pesca e da coleta de frutos do mar, feitas com o auxílio de canoas e redes”, explica o arqueólogo Paulo de Blasis, da USP. O sambaqueiro era baixo, no máximo 1,60 metro. A mortalidade infantil era altíssima, entre 30 e 40% dos corpos encontrados eram de crianças. Quem chegava à idade adulta também não ia muito longe: para os homens a perspectiva de vida era de 25 anos e as mulheres chegavam, no máximo, aos 35. Outro mito que as pesquisas vêm derrubando é que os

sambaqueiros eram nômades, indo de um lugar para outro assim que se encerravam os recursos naturais.

“Era uma civilização com estabilidade territorial e populacional. Um conjunto de sambaquis como os do sul de Santa Catarina podia reunir até 3 ou 4 mil habitantes”, conta Paulo. Para ele, uma ocupação dessa montada, por tanto tempo, só seria viável com um alto grau de complexidade social, que deveria incluir a divisão de tarefas e instituição de chefias regionais.

Nos sambaquis foram encontrados também esculturas e ornamentos feitos de pedra polida, que eram colocados junto aos corpos sepultados. Representando animais como o tatu e a baleia, esses objetos demonstram um delicado senso estético, que exigia habilidade especial.

Segundo Dione Bandeira, do Museu Nacional do Sambaqui, em Joinville, SC, é possível que houvesse pessoas designadas para produzi-los, até como algum tipo de ritual. Os

sambaquieiros desapareceram há cerca de mil anos, com a chegada de povos agricultores vindos do planalto. “Eles provavelmente foram se afastando cada vez mais de seu local de origem, esquecendo suas tradições e se misturando ao conquistador”, descreve o arqueólogo da USP.

Os povos da Amazônia

A Amazônia foi o berço de culturas avançadas, que viveram mais de mil anos antes de Cabral chegar ao Brasil. Os registros mais antigos da presença dos homens na região foram descobertos pela arqueóloga norte-americana Anna Roosevelt, em 1996. Ela encontrou pinturas rupestres datadas de 11 mil anos, na região de Monte Alegre, PA.

Na região da Ilha de Marajó, uma importante civilização se desenvolveu entre os anos 400 e 1300 d.C. A civilização marajoara dominava a agricultura e possuía aldeias que chegaram a abrigar 5 ou 6 mil habitantes. Os marajoaras eram excelentes engenheiros e construíram aterros artificiais que se elevavam até 12 metros acima do solo.

“Esses aterros exigiam a mobilização de um grande contingente de mão de obra e uma liderança constituída e respeitada”, afirmou o arqueólogo Eduardo Neves, da USP. Tal requinte se refletia na criação de sua cerâmica. De caráter cerimonial, seus desenhos correspondem ao mundo simbólico e religioso dos marajoaras. Eles desapareceram misteriosamente por volta de 1300.



Crédito: Reprodução

Mas a superpotência da época era a civilização tapajônica, que ocupava a região da atual cidade de Santarém, PA. Mesmo depois do contato com os europeus, ainda era uma das maiores e mais poderosas nações indígenas da Amazônia. Objetos de sua cerâmica foram localizados em lugares distantes, o que indica que havia contato intenso entre os tapajós e tribos vizinhas, incluindo comércio. Segundo Eduardo, havia um poder central exercido por chefe tapajó, reunindo várias tribos vizinhas. E algumas aldeias eram tão populosas que seus caciques podiam mobilizar até 60 mil homens para o combate.

A Amazônia também foi o ponto de partida para a migração de um povo tecnologicamente avançado e conquistador, que levou ao declínio os brasileiros coletores e caçadores, e que se espalhou de forma inédita pelo país: os tupi. Partindo de onde hoje ficam os estados de Rondônia e do Amazonas, eles deixaram a região em duas levas principais: os tupi-guarani desceram o Rio Paraná e chegaram à região sul; os tupinambá seguiram pelo Rio Amazonas até sua foz e, dali, rumo ao sul pela costa.

Eles viviam em grandes aldeias, cujas populações chegavam a ter milhares de pessoas. “Se organizavam em chefaturas, isto é, uma reunião de tribos em que algumas aldeias seriam mais importantes e teriam influência sobre outras”, explica o professor e historiador Paulo Jobim. Segundo ele, as aldeias funcionavam como cidades, com famílias inteiras, com tios, primos, pais, avós e filhos vivendo numa mesma casa.

“A hierarquia das tribos era baseada no parentesco”, diz. Os espaços comuns desses lugares, normalmente na área central, eram dedicados às práticas religiosas e sociais. Eles conheciam a agricultura, principalmente a de hortaliças, de mandioca e de milho, e produziam cerâmicas práticas, principalmente para cozinhar. A guerra, além de demarcar territórios, era tida como oportunidade para o desenvolvimento de lideranças, que se baseavam sobretudo na coragem, na oratória e nos laços familiares.

A expectativa de vida era curta, não ultrapassando os 40 anos de idade em média. Por isso, os mais idosos eram muito respeitados, ocupando papel de destaque na sociedade. A divisão do trabalho também era feita por sexos: os homens caçavam, as mulheres

coletavam, cuidavam das crianças e do preparo do solo para a agricultura. Além disso, eram as responsáveis pela produção da arte em cerâmica.

“Os guarani eram um povo conquistador e exclusivista”, descreve o historiador Pedro Schmitz. “Seus parentes tornavam-se aliados, mas outros povos eram considerados inimigos e expulsos, dizimados ou incorporados, às vezes, literalmente, já que eram antropófagos.” Os nossos descendentes que estavam na praia, naquela manhã de 22 de abril de 1500.

Amazônia

História do Brasil

povo

Brasil

História

ancestrais

Pré-história